

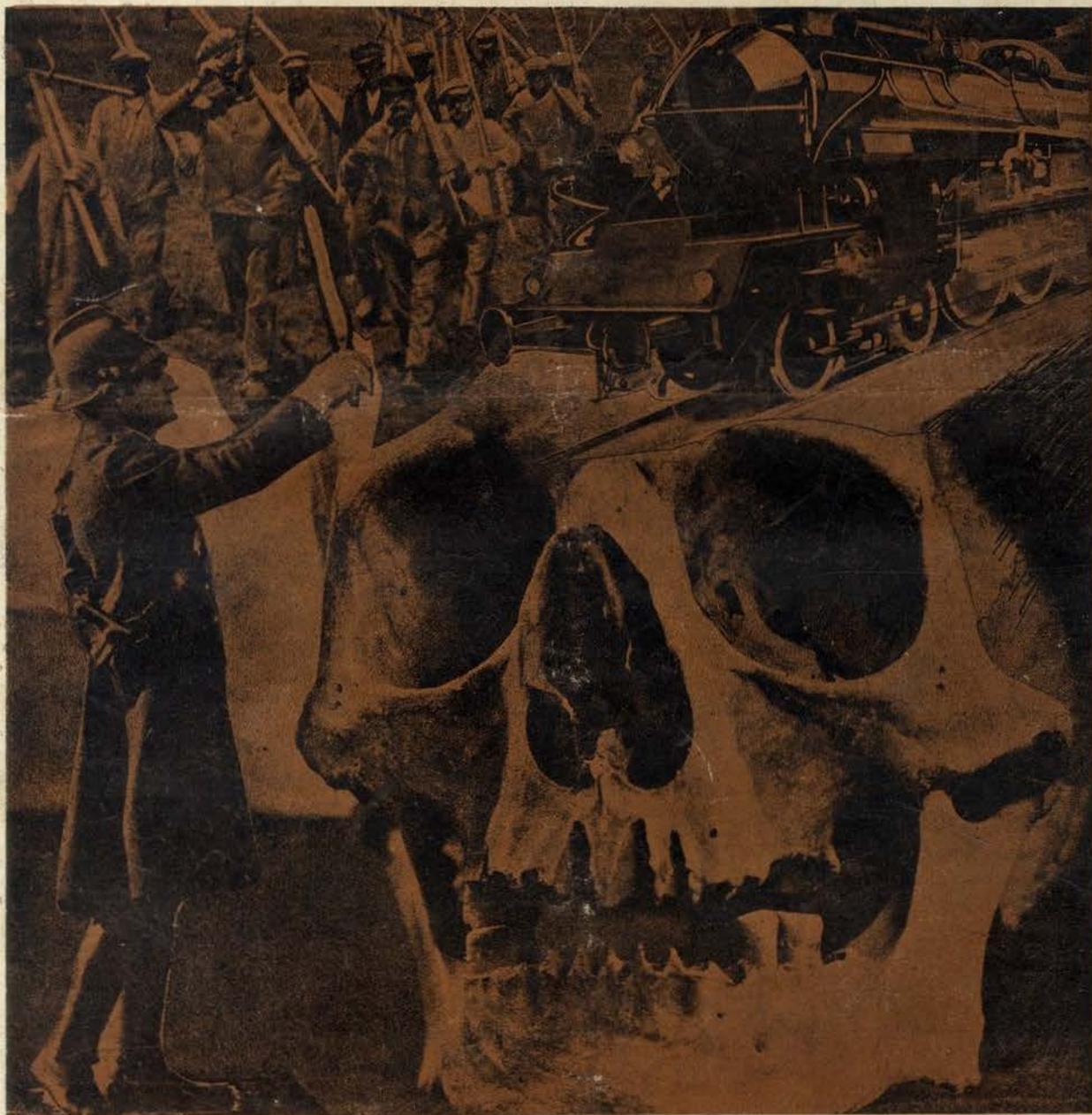
Semanário de  
Actualidades e Reportagens  
N.º 121 — ANO III

5/5/1933

Preço 1 Escudo

# reporteiri.

**SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS**



**LER NESTE NÚMERO:** — Uma reportagem à República Espanhola — O Crime da «Pôça das Feiticeiras» — Os Crimes do Capitalismo Americano — Variações sôbre Roma — O Anti-semitismo na Alemanha — Coimbra Trágica — Os Nossos Contos, etc., etc.



Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor

**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Comp. e Imp. na Tip. e Eac. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144 - A - Porto

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E  
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :  
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS  
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :

Sai às sextas-feiras e é pôsto à venda  
simultaneamente em todo o país

N.º 121 — ANO III  
Sexta-feira, 5 de Maio de 1933  
REDACTORES NO PÔRTO  
Reinaldo Ferreira (Reporter X)  
Fernando Cal  
J. Vieira Alves  
Hugo Rocha  
Guido Severo  
Santos Pereira

3 meses — série de 12 números

Esc. 11850

6 " — " " 25 "

Esc. 22850

12 " — " " 52 "

Esc. 44850

Para as Colónias e Estranjeiro acrescentar os  
respectivos portes

PAGAMENTO ADIANTADO

REDACTORES EM LISBOA  
Alfredo Marques | Noberto Araujo  
Artur Portela | Sá Pereira  
Jaime Brazil | Santos Vieira

## ESPECTACULOS

DO PORTO

### TEATROS

**Sá da Bandeira** — Grande successo da Companhia do Teatro Nacional de Lisboa, com a peça em 3 actos «Ciclone».

**Carlos Alberto** — O formidável êxito da Companhia José Climaco, com a revista em 2 actos e 16 quadros, «Feijão Frade».

### CINEMAS

**S. João** — Um filme de René Clair, em que nos revela tôda a alma dos bairros de Paris «14 de Julho» com a lindíssima vedeta Annabella.

**Trindade** — Sempre Os Melhores Filmes. A encantadora opereta da Paramount «Ama-me esta noite» com o querido par do cinema francês Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald.

**Olimpia** — O célebre filme de aviação «Vingança de Aguias» com Dorothy Jordan e Richard Dix, uma realização cheia de interesse e emoção.

**Batalha** — O formidável filme em episódios «O Mistério do Avião Correio» as mais emocionantes e imprevisíveis aventuras aéreas. No mesmo programa «Maré de Sorte» com o cómico Duvallés.

**Imperial** — Todos os dias das 16 ás 19 e das 21 ás 24 horas Concerto e Variedades.

DE LISBOA

### TEATROS

**Apolo** — O grande successo da temporada teatral, a revista «A Festa Brava».

**Maria Victoria** — Um êxito colossal. A já célebre revista «As Lavadeiras».

**Politeama** — Primeira representação da revista em 3 actos «Cantiga Nova».

### CINEMAS

**S. Luís** — O mais formidável filme da Selva, a super-produção «Caçá-los Vivos».

**Tivoli** — Um filme de grande sensação «Seis horas na vida». Um sábio que consegue reviver os mortos só durante 6 horas.

**Condes** — A super-produção de aeronautica «O Dirigível», trabalho colossal do artista Jack Holt.

**Ginásio** — Um grande êxito de gargalhada «A filha do Regimento» com Anny Ondra.

**Odeon e Palácio** — Um grande filme de fundamento moderno «Idade Moderna» notavel criação da grande vedeta Joan Crawford.

**Royal** — A opereta de grande classe «Esta... ou nenhuma». No mesmo programa «Al Capone» o terror de Chicago.

## MAIS FINA

É a saúde das crianças,  
porque é uma FARINHA  
PURA; é a delicia dos  
adultos, porque com ela  
... .. preparam-se ... ..

SOBREMESAS MARAVILHOSAS

## Cadeiras modernas para barbeiro

SISTEMA AMERICANO

Fabrico nacional — A melhor e mais barato



PORTO-EDMUNDO

Bancos para engraxador. Aparelhos de metal.  
Instalações modernas. Dão-se orçamentos

Preferi a indústria nacional

Rua do Paraíso, 254 — PORTO

## “Reporter X” em Lisboa

Encontrando-se, felizmente restabelecido, o nosso colega J. Vieira Alves, sócio da Sociedade Edição X, Lda, proprietária do Reporter X, que, no Pôrto, desde o n.º 114 vinha exercendo as funções de chefe de redacção, vai o mesmo dentro de 8 dias fixar residência em Lisboa, onde passará a ser o delegado do nosso jornal, para todos os efeitos de distribuição e cobrança do Reporter X, publicidade, colaboração, etc.

Único no sabor e aroma

# CAFÉ SUIÇO

Moído e em chávina

PÔRTO

# Variações sobre Roma



Pio XI inaugura a Central Eléctrica do Vaticano

**S**UA Eminência, o Cardeal Innitzer, acaba de propôr num discurso proferido em Viena de Áustria, nem mais nem menos do que a ocupação pelo Vaticano do lugar vago pela saída do Japão da Sociedade das Nações.

Sob o ponto de vista político, a notícia não surpreende. Depois da assinatura do Tratado de Latráo, a Igreja Romana reconstituiu-se como nação livre e soberana. E o Estado do Vaticano, reconduzido ao poder temporal com as prerogativas inerentes, reconhecido pelas chancelarias — bateu moeda, estampou selos, exerce o fisco, impõe e cobra contribuições e conserva, reduzida mas empertigada e firme, a velha guarda suíça. Pio XI, sem dúvida mais estadista do que papa, mais Richelieu do que supremo pastor do rebanho de S. Pedro, encaminha de novo a Igreja para a senda política. E é, até, muito possível que um grande sonho de hegemonia universal paire, vaporoso, sobre Roma.

Contudo, temos a impressão de que a entrada do Vaticano na ilustre Sociedade está longe de conduzir os povos ao logradouro da paz. As complicações da hora presente outras virão juntar-se. O problema religioso voltará a ter a perda acuidade. Passou o tempo de predomínio integral em que a Europa ditava ao mundo a sua vontade, e, nessa Europa em permanentes dissídios, o Vaticano imperava, poderoso e único, senhor supremo do destino dos povos. O mundo dilatou-se, difundiu-se a cultura, outros povos vieram norteados por outros cancos. Depois de Roma, Paris; depois de Paris, Londres, Nova-York, Tokio, Moscovo... A força deixou de ser um monopólio europeu; mais ainda: dei-

xou de ser um exclusivo da raça branca. Hoje, na baralha internacional, não são os países essencialmente católicos os que dispõem dos primeiros triunfos. Admitindo a eficácia medianeira de Roma entre os militantes do mesmo credo, custa a crer que os centos de milhões de infieis, não reconhecendo o poder papal, se submetam resignados ao seu *veredictum*, sacrificando a cupidez e o interesse. Para esses — os ímpios — a figura do papa tem talvez menos valor por ser chefe de igreja, do que outro figurante qualquer, desinteressado. Por outro lado, o imiscuir da região na vida pública, em vez de evitar a eclosão de conflitos, constituiu, séculos em fora, fonte perene de desavenças e de intrigas. Foi assim sempre no passado. Será assim amanhã, quando um barrete cardinalício pingar o borrão vermelho no areópago de Genebra.

O último dos cruzados dorme há muito na terra fria, lado a lado com o derradeiro cavaleiro de Mafoma; Saturno, na grande faina de ceifar heróis, rasoitou tudo a golpes de gadanha. Lutero, como um raio, abriu de meio a meio a rocha viva da cristandade. Roma deixou queimar o maior do seu prestígio às lavaredas dos autos-de-fé. Pio X, sucumbido, assistiu impotente ao desencadear da Grande Guerra. Benedito XV não conseguiu dulcificar os métodos de extermínio; não apressou o dealbar da paz; não impediu a vilania dos tratados absurdos e humilhantes.

Depois disto, a Igreja católica tem um único caminho a seguir; reformar os seus estatutos, rever os cânones, depurar os dogmas; banir o eunuco; sanear, desde os alicerces, toda a sua estrutura; reeditar, pelo exemplo, a simplicidade de Jesus; extirpar o egoísmo do coração dos grandes; tentar nivelar os homens, reunindo-os, sem diferenças, num mesmo abraço fraternal. Que a sombra de Torquemada, fantasma errante a fomentar a revolta na alma angustiada dos escorraçados seja amanhã, apenas, a tétrica lembrança de um pesadelo que se não repete.

\* \* \*

Não sou inimigo fidalgo do padre. Não desconheço os benefícios de um Anchieta,

nem posso esquecer as nobilíssimas virtudes de um D. Frei Bartolomeu, cujos felizes exemplos inundaram de ternura e de suavidade cristã os dias felizes e alegres da minha infância. Não compreendo a vida humana sem uma forte razão moral a alumiar-lhe os passos. Se o médico é necessário, indispensável será o alentador do espírito, porque a dureza natural do homem precisa de um correctivo. Mas, para isto, o remédio não está em Genebra. O remédio está na regeneração da consciência; consistirá, em parte, na prática inofismável do verdadeiro sacerdotício.

Qua Sua Santidade, a quem ouvi palavras de fé e de esperança e de generoso incitamento, se esforce pela depuração da Igreja e pela emancipação dos humildes; que a sua voz paternal, transmitida pelo recôncavo de um precioso telefone de ouro ou difundida ao mundo pela rádio-emissora instalada por Marconi, seja o perpétuo consolo dos que sofrem, a inérgica intervenção em prol dos oprimidos. Eles — os tristes! — são medularmente cristãos. Rebelam-se, é certo, porque não têm, as mais das vezes, o que dar de comer aos filhos; porque não têm uma parcela de conforto em todo o decurso de uma existência escravizada; porque nascem, vegetam e morrem sem nunca verem raiar o sol prodigioso da sua individualidade emancipada!...

ALBERTO LIMA

*N. do A.* — Corrigimos as seguintes gralhas principais do artigo anterior: desgaste e não «desgasto», na 8.ª linha da 1.ª coluna; possa e não «fosse», na 24.ª linha da 3.ª coluna; o preconceito e não «e preconceitos», na 14.ª linha, e, finalmente, a fantasmagoria e não «a fantasmagórica» na 16.ª linha, ambas da última coluna.

A. L.



Uma solenidade no Vaticano, presidida por Pio XI

# O crime da "Pôça das Feiticeiras"

Uma entrevista com uma testemunha que sabe muita coisa porque a muita coisa assistiu. Esmiuçando o processo e o que dêle não consta. Um apelo às mulheres de Portugal



O juiz que presidiu ao julgamento de «O Homem dos Bigodes & C.»



O advogado de defesa do réu António Ferreira (genro do Homem dos Bigodes)

ESTAMOS de bem com a nossa consciência continuando a nossa jornada de fazer reviver o crime da «Pôça das Feiticeiras» para, assim, poder ser feita Justiça. Não é só o povo leigo em matéria de jurisprudência que está convicto da inocência dos actuais condenados, mas, também conselheiros do Supremo Tribunal, juizes e ilustres advogados. Pois, se assim é, nós poderemos também dizer que um grave erro judicial se deu. Dizemos judicial e não policial, por a isso nos autorizar a douta declaração de voto do conselheiro do Supremo Tribunal, juiz Arnaud, quando diz que a dentro dos processos do «Crime da Pôça das Feiticeiras» haveria quando muito indícios que poderiam levar a uma pronúncia, nunca a uma condenação. Ora, se a dentro daqueles processos não há provas, positivamente que houve um erro judicial, embora também houvesse um erro policial quando das primitivas investigações. — *Errare humanum est*, mas, quando se dá pelo erro, imediatamente se desfaz. Agora continuar no erro... é que não está nada certo. — Repetimos — e nunca é demais fazê-lo; encontram-se em liberdade os indivíduos que dêle já se confessaram autores e a cumpriram prisão maior — Claudino Ribeiro e esposa D. Silvina Ribeiro. A revisão foi negada por maioria, havendo quatro conselheiros que votaram a seu favor. Ora, se tão supremos magistrados assim votaram, é porque de facto algo existe no processo que os le-

vou ao convencimento da inocência dos actuais condenados e foi assim, em virtude da declaração de voto do conselheiro Arnaud, por diversas vezes repetida e vinda a lume em quasi todos os jornais. Não há lei, segundo nos dizem, que possa agora fazer revisar o processo depois da negativa por maioria do Supremo. Não conhecemos as leis e, porisso, não as podemos discutir mas, o que sabemos, é que quando uma lei, antiga ou moderna, está mal feita, ela se deve revogar introduzindo-lhe tudo quanto de bom seja em beneficio de aquela perante a qual todos se devem curvar com respeito e que se chama Justiça.

## Uma entrevista

Tornava-se necessário, era mesmo indispensável, ouvirmos uma das principais testemunhas do caso da «Pôça das Feiticeiras» e que desde o dia do aparecimento do cadáver do africanista João Alves Trindade, mais de perto acompanhou as delícias que à volta dêste crime se fizeram. Tivemos, por um feliz acaso, conhecimento de que essa testemunha se encontrava no Porto, onde agora reside. Sobemos que um nosso amigo seu amigo era, e, assim, fomos em demanda da sua residência. Era domingo e, talvez porisso, nos foi mais fácil encontrá-lo em casa. As apresentações do estilo, a entrada para o seu escritório, as vulgares banalidades de o tempo estar agora bom e... o tiro certo:

— Sr. F... vimos aqui entrevistá-lo para o Reporter X, acerca do crime da «Pôça das Feiticeiras» por sabermos que tem conhecimento de factos concretos que muita luz poderão fazer.

— Desculpem-me de não anuir ao vosso desejo, — respondeu-nos — mas não dou entrevistas acerca dêste tenebroso drama a

que foi levantado o pano na manhã de 17 de Julho de 1925. — Com entusiasmo. — Que valem as entrevistas? — Que valem os jornais andarem com campanhas se a revisão foi negada por maioria? Eu sabia muita coisa a respeito dêste crime, por ter acompanhado de perto todas as investigações. Foi a mim que o «Homem dos Bigodes» primeiro declarou que a vítima fóra agredida quando collocava o pé no primeiro degrau da escada exterior que conduz ao solar e por alguém que estava acobertado por uma palmeira ali existente. Esta confissão, foi também ouvida por um cabo e um soldado da G. N. R. e veio modificar a primitiva reconstituição do crime, pois se dizia que Alves Trindade havia sido ferido no patamar das mesmas escadas e alguém alvitrava mesmo que o deveria ter sido dentro da sala de entrada, embora lá não houvesse sangue, a-pesar-de bem procurado, e até com uma lupa, pelo Comissário de Polícia de então. Esta declaração do «Homem dos Bigodes» foi feita um ano antes de elle e a família terem vindo para o Aljube. Também foi na minha presença que o mesmo fez umas sensacionais declarações que mais tarde ocasionaram a sua prisão e da família as quais no Porto fóram aumentadas e corrigidas. Tenho conhecimento de factos que, estava convencido, atirariam por terra os

se fêz prova da inocência dos actuais condenados naquela audiência, como se poderá ela agora fazer? — É certo que, também na mesma audiência muitas coisas ficaram esclarecidas e, assim, uma roupa (lençóis, travesseiros, camisas, camisolias, etc.) que era pertença do Claudino e da esposa e que foi encontrada pela mulher do «Homem dos Bigodes» ensaboada, à beira de um tanque, com umas nódoas que denotavam serem de sangue, foram lavados sem sangue por Beatriz A. brantes, a peor testemunha de acusação contra os actuais condenados e que, desde o principio, depôs com ódio contra elles...

— Mas, observamos, se essa mulher tinha ódio, como diz, aos condenados, como é que lhes foi lavar a tal roupa?

Ela assim lêz e começou desde então a vociferar contra os ex-patroes. Mais tarde foi servir para Boticas, vindo a Viseu quando foi presa para depôr no primeiro julgamento...

— Presa para ir depôr?...

— Sim presa, mas isso são contos

largos, mesmo muito largos...

Quando do julgamento do «Homem dos Bigodes» e família, a mesma

Beatriz Abrantes appareceu a

depôr com o seu rancôr antigo, contando,

depois de muitas instâncias, que a tal roupa

havia por ela sido ensaboada de manhã,

ainda cedo, no dia do aparecimento do cadáver,

não tendo sangue, jamais que ela

lhe havia sido entregue na véspera, colo-

cando-a em seguida junto a uma sarapilheira

que estava à beira do tanque; que fóra a Viseu buscar pão a uma padaria

e, quando voltou, já não encontrára a

roupa no local em que a havia deixado.

Ora, constatado também ficou que a mu-

lher do «Homem dos Bigodes» neste inter-

valo, vendo ali a tal roupa a levava se-

gundo disse por ter umas manchas que

pareciam de sangue e que a tal sarapilheira

também o tinha, pois que até uma

camisola sem mangas, tinha sangue... nas

mangas.

(Continua no próximo número)

## Mulheres de Portugal

Vós que possuís um coração sempre pronto a debelar os sofrimentos de quem padece; Vós que sempre tendes demonstrado uma verdadeira abnegação em prol dos desgraçados; Vós que em constantes romagens angariais donativos para quem dêles necessita; Vós que ainda há pouco pedisteis o perdão para a «Maria do Sol» que matou para defender a sua honra, ide, mais uma vez perante Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República, solicitar do seu coração magnânimo que seja feita a revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras». Lembrai-Vos que uma mulher está há oito anos a sofrer as inclemências da prisão, condenada por um crime que diz não ter cometido e de que outros já se confessaram autores.

Mulheres da minha Pátria! Ponde mais uma vez à prova o Vosso belo coração, indo pedir para que justiça seja feita. Vós não ireis, como ainda há pouco, pedir a sacrossanta Liberdade para aquela que jaz nas prisões, mas sim, o que é justo e humano: — **A Revisão do Processo.**

Mulheres Portuguesas:



O Solar de S. Caitano, vendo-se o patim de onde foi atirada a vítima. No primeiro plano, da esquerda para a direita: os jornalistas Pires Guerreiro, Hugo Rocha, Joaquim Salgado, Gilberto de Carvalho, Gabriel Maia e António Abrunhosa.

indícios que, à primeira vista, poderiam comprometer Claudino Ribeiro e esposa. Tudo disse quando da última audiência que julgou o «Homem dos Bigodes» e família, perante três magistrados que constituíam o Tribunal colectivo. O «eu testemunho não era isolado, antes corroborado por outros depoimentos. — E isso de que valeu? As testemunhas que depozeram pareciam, à primeira vista, estar a ser julgadas, pois, no final de cada depoimento, era pelo Juiz Presidente perguntado ao «Homem dos Bigodes» se ele era verdadeiro e tanto que a testemunha Dr. Anibal Campos, quando lhe foi observado que o «Homem dos Bigodes» dizia não ser verdadeira uma determinada afirmação disse: «Perdão, sr. Dr. Juiz, eu julgo que o «Homem dos Bigodes» é um réu... — Se não

— Eu explico: — A tal Beatriz Abrantes era jornalista na Quinta de S. Caitano e, como tal, andou na malha onde, no dizer do «Homem dos Bigodes» se bebeu o tal maldito vinho causador de todas as desgraças. Esta mulher feriu-se nos dentes de um ancinho em um pé, indo lavar o sangue à «Fonete do Leão». A noite foi-lhe dada a tal roupa para lavar, o que ela só fez na madrugada do dia seguinte, pondo-a, ensaboada, ao lado de uma sarapilheira que estava à beira do tanque. Ela declarou perentoriamente nesta audiência que quando lavára a roupa, não tinha sangue.

Depois do Claudino e D. Silvina estarem já na cadeia de Viseu, a Beatriz ia ali quasi diariamente, mas um dia, por qualquer motivo, o Claudino proibiu-a de lá voltar.



Reconstituição do crime: A primeira pancada



O local da Quinta de S. Caitano, onde appareceram as manchas de sangue



Mapa da América, o país da Liberdade, indicando-se o Estado onde se desenrolaram os acontecimentos que relatamos

A 25 de Março de 1931, duas raparigas operárias, vestidas de homem, saltaram para um combóio de mercadorias que devia conduzi-las da pequena cidade de Chattanooga, no Estado de Tennessee, ao local da sua residência, Huntsville (Estado Alabama), a 97 milhas de distância. Segundo diziam, tinham ido procurar trabalho a Chattanooga, passaram a noite em casa de uma tal sr.<sup>a</sup> Brochie e, na impossibilidade de conseguir emprego, regressaram a casa da família.

Vitória Price e Ruby Bates principiaram por se intalar na plataforma de um vagão-cisterna; alguns momentos mais tarde escalarão o que se chama nos Estados Unidos uma «gôndola», isto é, um vasto vagão, meio carregado nessa ocasião de cascalho. Já se lá encontravam sete rapazes brancos. A dar-lhes crédito a uma delas, a viagem prosseguiu sem que trocassem palavra. Segundo outra versão, Vitória Price, a mais velha, não teria demorado a entabular conversa e a gracejar e cantar com os rapazes.

Quando o combóio se aproximava de Atevenson, um grupo de negros fez erupção no vagão de cascalho. Desempregados à cata de trabalho, sem recursos, não puderam resistir à tentação que se lhes oferecia de abreviar o caminho que teriam de percorrer a pé para ir vender a outra parte a força de seus braços. Eram doze, afirma Vitória Price. Asseguraram os negros que eram quinze. Quanto a Ruby, nunca lhe foi possível dizer quantos eram, não os tinha contado.

Aproximadamente a duas milhas de Atevenson — sempre segundo Vitória Price — armou-se questão entre negros e brancos. Os negros teriam evidenciado a pretensão de forçar os sete brancos a evacuar a «gôndola». Estes, vivamente amedrontados, teriam saltado para terra — com excepção de um, Orvil Gilley, que, em riscos de ser esmagado entre os dois tempos, teria sido segurado por um dos negros, conduzido ao vagão e tolerado por fim pelo grupo dos mesmos.

A narrativa destes últimos é um pouco diferente. A sua aparição os brancos tê-lo-iam acolhido com pancadas e gritos de furor: «Fora daqui, pretalhada!», recusando-se a viajar com negros, mesmo num combóio de mercadorias. Teria estado uma rixa, cujo desenlace fora favorá-

vel aos negros, nitidamente superiores em número. Retomemos a versão de Vitória Price: Quando o combóio percorria a distância que separa Atevenson de Paint Rock (cerca de 38 milhas), seis negros teriam vestido contra as duas mulheres e violá-las-iam. Antes de o combóio chegar a Paint-Rock, três teriam saltado à linha.

Os brancos, vencidos pelo grupo dos negros, dirigiram-se a toda a pressa para a estação de Atevenson, a fim de prevenir o chefe de que um bando de prêtos viaja indevidamente num combóio que acabava de passar. Este telegrafou imediatamente para a gare de Scottsboro. Foi tarde: o combóio já ia longe. A comunicação foi transmitida para Paint-Rock, onde um grupo de polícias, armados, à espreita dos delinquentes, levou a cabo a sua detenção.

Está perfeitamente assente o seguinte: No momento da captura, os negros só tinham a responder pelo delito de ter viajado sem bilhete; as duas mulheres, detidas com eles, não proferiram nesse momento acusação alguma contra eles. Só quando chegaram à prisão de Gadsden (Alabama) é que a polícia percebeu que os dois tratantes brancos apanhados na rede eram mulheres. Interrogaram-nas num local à parte e a seguir puzeram-nas em liberdade: ao saírem desta entrevista, estava architectado o conto de Vitória Price. Ruby Bates não dizia palavra deixava a companheira afirmar que acabavam de ser vítimas de um abominável atentado.

Encarcerados a princípio na prisão de Gadsden, os negros, no meio de forte escolta, foram a 30 de Março conduzidos à prisão de Scottsboro e em seguida reconduzidos à de Gadsden. O juiz A. E. Hawkins fixou a data do processo para 6 de Abril.

#### O processo

No dia 6 de Abril, pelas 5 e 45 um destacamento do 167 de infantaria, composto de 118 homens, e comandado pelo major Stearnes, tomava posse dos nove acusados e conduzia-os a Scottsboro, à prisão principal do Condado. A pálida luz do amanhecer, convergia para a cidade considerável multidão, os combóios vinham repletos, os autos sucediam-se em filas regulares. O processo devia começar às 8 e 30. As 10 avaliava-se em 10.000 pessoas a multidão que formigava na praça onde se ergue o Palácio da Justiça de Scottsboro. Piquetes de soldados, de baioneta calada, e dispoendo de bombas de gaz lacrimogénio, faziam guarda nas proximidades do Tribunal, deixando apenas entrar os favoritos munidos de uma licença especial. A cidade encontrava-se num estado de efervescência indisciplinável. Havia punhos erguidos, ressoavam clamores, bradiam-se armas de toda a

# Os crimes do ca

## A negrofobia na América do

vel aos negros, nitidamente superiores em número.

Retomemos a versão de Vitória Price: Quando o combóio percorria a distância que separa Atevenson de Paint Rock (cerca de 38 milhas), seis negros teriam vestido contra as duas mulheres e violá-las-iam. Antes de o combóio chegar a Paint-Rock, três teriam saltado à linha.

Os brancos, vencidos pelo grupo dos negros, dirigiram-se a toda a pressa para a estação de Atevenson, a fim de prevenir o chefe de que um bando de prêtos viaja indevidamente num combóio que acabava de passar. Este telegrafou imediatamente para a gare de Scottsboro. Foi tarde: o combóio já ia longe. A comunicação foi transmitida para Paint-Rock, onde um grupo de polícias, armados, à espreita dos delinquentes, levou a cabo a sua detenção.

espécie acima das cabeças; respirava-se aquela atmosfera bem conhecida nos Estados do Sul: a que precede a linchagem.

Nos termos da lei, os acusados desprovidos de recursos têm direito a ser defendidos por todo o corpo de advogados. O corpo de advogados de Scottsboro compunha-se de sete advogados. Seis recusaram-se. Só um teve a coragem de lhes assistir: M. Milo Moody.

Sabendo que a mais terrível ameaça cercava os seus irmãos de raça, um grupo de membros da Associação Nacional para o Avanço dos Homens de Cor reuniu à pressa uns cem dólares a fim de assegurar a sua defesa. Não se tratava evidentemente de contratar um advogado negro: isso equivaleria a pronunciar a sentença de morte. Chamaram portanto um advogado de Chattanooga, M. Stephen Roddy, o único que souberam disposto a afrontar a multidão hostil e os prevenidos magistrados.

No início da audiência, declarou o Tribunal, que a causa seria dividida em quatro processos separados. Os dois rapazes mais velhos, Clarence Norris, de 19 anos, e Charlie Weems, de 20, ambos habitantes do Estado da Geórgia, compareceram em primeiro lugar.

A testemunha principal era Vitória Price. Depôs com tal firmeza, com um júbilo tão evidente de dar nas vistas e uma mímica tão chistosa, com tais olhadelas aos magistrados e jurados, com tal espírito de réplica e um tal desbordar de obscenidades e alusões despejadas, que por diversas vezes viram-se o Tribunal e o júri sacudidos, por um riso destemperado. O público era seu desempenhada na sua frente um papel de grande comediante.

O interrogatório da segunda testemunha, Ruby Bates, foi aviado rapidamente. Vitória declarou mais tarde a um investigador que tinha pedido ao advogado geral que afastasse a companheira da barra das testemunhas, pois tinha a certeza de que ela a contradiria e de que o seu próprio depoimento sofreria com isso. Ruby Bates foi portanto considerada como «fraca testemunha». São os próprios termos de que a acusação se serve para a caracterizar. O jovem Orvil Gilley que, segundo Vitória Price, teria presenciado os atentados, foi apresentado no requerimento como um «fraco de espírito». Mal foi interrogado.

Os seis rapazes brancos não foram interrogados; nenhuma testemunha de defesa fora convocada; o testemunho de um operário, nitidamente favorável aos acusados foi dispensado; o acesso ao Tribunal foi severamente proibido aos parentes e amigos dos enculpados e as afirmações de Vitória Price não foram verificadas.

O Dr. Lynch, perito médico do Condado, e o Dr. Bridge, que examinaram as duas mulheres, especificaram, no seu relatório, que elas não tinham vestígios de qualquer brutalidade física, não pareciam ter sofrido violência alguma, e pareciam calmas e alegres quando, logo após a sua detenção em Paint Rock, foram examinadas.

O júri retirou-se para deliberar; quando voltou foi para pronunciar uma sentença de morte. O processo desenrolara-se em menos de duas horas. Quando o veredicto foi comunicado à multidão, ouviu-se um imenso clamor de alegria; ressoaram vivas e aplausos, à mistura com gritos de

## Homens &amp; Factos do Dia

(CONCLUSÃO)

vontade de modo imperioso e irresponsível. ; Várias vezes Primo de Rivera, apesar da modestia das suas faculdades de espirito, presencendo o perigo em que resvalava — tentou reagir! ; Logo o rei o dominava — o abatia sob o peso de uma ameaça!

Rodaram sete anos que foram dos mais amargos, dos mais dolorosos da História de Espanha; e quando a política do Rei, rotulada pelo nome do ditador, atingiu o seu aspecto mais odioso; quando começaram a rugir as primeiras vozes da batalha — Afonso XIII, sempre egoísta, sempre ingrato, sempre na teima feroz de não abandonar o trono — não hesitou — sacrificando o homem que tudo sacrificara por ele, que estava gravemente doente por tão longo esfaufamento e que não era o culpado das faltas que revoltavam as consciências da nação... ; Expulsa-o do governo e obriga-o a ir morrer para o exílio num hotel de Paris, vexado, entristecido, caluniado, no index de todos e por todos abandonado!

; Este gesto de Afonso XIII, sendo um dos mais representativos do seu carácter fernandino — é também dos mais ignominiosos!

; De pouco serviu esta última habilidade do rei! A indignação popular não abrandou: ; aqueceu mais ainda! Sucederam-se outros ditadores... ; Fraquejavam vagas promessas de liberdade e de suavização de processos — ao mesmo tempo que se intensificavam as violências. Faltava uma chispa para que a explosão se desse... Foi ainda Afonso XIII quem a lançou — na birra de se manter através todos os crimes: o julgamento de Jaca...

Com a morte dos capitães Galan e Garcia Hernandez — nasciam os heróis e os mártires que eram indispensáveis ao levantamento da nação. Afonso XIII, como em 1908, quando do fuzilamento de Ferrer — tentou encobrir-se, deixar aos outros a responsabilidade de um acto que era exclusivamente seu; ; fingiu ter à última hora um assomo generoso de clemência — mas sempre tarde, sempre depois das descargas dos executores! Era um maquiavelismo de prudência pouco digna de um rei — na previsão de um dia o acusarem dessas mortes.

; Prudência inútil!

A República implantou-se então — mas, repito: chegou tarde. Não são os monárquicos apesar de todo o seu ódio que a inquietam: são as aspirações do povo que já não se satisfaz com ela — tal como está.

E, detalhe a ponderar: todas as revoltas que têm inquietado a vida da República levantam, como pendão, os retratos dos capitães Galan e Garcia Hernandez. Em Casas Viejas, quando a Guarda de Assalto, caminhando sobre os cadáveres de uma povoação inteira, entrou no último reducto dos rebeldes — encon-

## Reinaldo Ferreira

Após um mês de ausência em terras de Espanha retoma a direcção do «Reporter X» — Uma série de reportagens sensacionais sobre a actual situação espanhola

EM maio de 1923, Reinaldo Ferreira era expulso de Espanha pelo Governo de Primo de Rivera contra quem escrevera no diário lisboeta *A Tarde*, uma série de cinquenta reportagens contendo revelações que, na época, emocionaram a opinião pública. Foi essa a primeira batalha da imprensa, travada contra a Ditadura Espanhola — sendo alguns dos artigos reproduzidos por jornais de vários países europeus e americanos. Desde então o nosso director só clandestinamente podia atravessar a Espanha.

A seguir à implantação da República, Marcelino Domingos, seu antigo camarada da redacção de *La Libertad* de Madrid e actual ministro, escreveu-lhe felicitando-o pela sua colaboração distante nos acontecimentos e ainda pelo facto das fronteiras se lhe terem aberto de novo. Aguardava Reinaldo Ferreira uma oportunidade para regressar a Espanha. Essa oportunidade deu-se com a Semana Portuguesa de Vigo. Partiu; esperou que as festas terminassem e durante um mez dedicou-se exclusivamente ao estudo directo da actual situação. A partir do próximo número iniciará uma série de reportagens sobre os bastidores da República Espanhola que deve ter o mesmo êxito obtido pela «Historiê Completa da Dictadura».

\*

\* \*

De volta a Portugal e ao nosso convívio, Reinaldo Ferreira retoma a direcção do jornal reatando os trabalhos suspensos durante a sua ausência — entre outros o da *Questão dos Vinhos do Pôrto*.

O artigo prometido sobre o caso de António Pacheco de Barros, e que não saiu na devida altura por motivos alheios à sua vontade — se rá também publicado no próximo número.

trou, hasteados como uma bandeira os retratos dos fuzilados de Jaca...

Dir-se-ia que o sacrificio desses dois heróis não deu ainda os frutos necessários... Dir-se-ia que não «foi para esta Republica de Azana que eles morreram»...

E continuamos...

REPORTER X

## Os Crimes do Capitalismo Americano

(CONCLUSÃO)

são do processo. O secretário da Associação, Mr. Walter White, foi ao local a-fim-de melhor estudar os meios de salvar os jovens condenados. Contratou os mais qualificados advogados do Estado de Alabama. A estes juntou-se um dos mais célebres advogados dos Estados Unidos, Clarence Darrow. Elaboraram um documento de 800 páginas, para servir de base à argumentação de apêlo perante o Supremo Tribunal de Alabama.

Neste momento entra em cena outra organização: a *Internacional Labor Defense*, trazendo uma concepção tão diferente da acção de defesa a favor dos jovens negros que, depois de uma série de controvérsias, a Associação para o *Avanço dos Homens de Cor* foi forçada, o próprio interesse da causa, a retirar-se. A ocasião não é oportuna para emitir um juízo sobre os dois métodos em presença. Devemos simplesmente deplorar que em caso tão trágico não tenha podido operar-se uma junção de esforços.

A despeito de tudo, a agitação feita por ambas as partes e a retumbância dado a este caso, a comoção já suscitada na Europa (entre outros, organizavam-se dois grandes comícios em Paris, a 21 e 22 de Junho último, um na Sala Bullier, outro na Sala Wagram) conseguiram que a execução fôsse adiada. O Supremo Tribunal dos Estados Unidos reuniu a 19 de Outubro último para julgar em apêlo e anulou a sentença de morte. O novo julgamento está-se presentemente effectuando no Tribunal de Alabama. ; Que vai sair deste novo julgamento? Talvez uma nova condenação.

MAGDELEINE PAZ

— CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO —

## LEITORES

O que acabais de ler é um precioso documentário sobre os processos de que lançam mão os magnates industriais dos Estados Unidos (incluindo o «generoso» Ford) para abafar todo o anseio de emancipação e justiça. A Comissão «Tom Mooney» que também se ocupa de dois outros casos, mais revoltantes ainda se é possível, o dos negros de Scottsboro e dos mineiros de Harlan, que serão expostos nos seguintes números deste jornal, dedica-se à recolha de subsídios para socorro e defesa das vítimas dos três processos.

Casos de retumbância mundial, têm suscitado o interesse e apoio de várias notabilidades, entre as quais se contam Charlie Chaplin, Teodoro Dreiser, Romain Rolland e Henry Barbusse. Enviai a vossa solidariedade ao Comité Tom Mooney, 50, rue Étienne Marcel, Paris (2-e) ou à redacção do *Reporter X* que se encarregará de enviar aquêlo Comité.

## SUBSCRIÇÃO

Para libertar Mooney e Billings, os negros de Scottsboro e os mineiros de Harlan

José Soares Lopes . . . . . 5\$00  
Jacinto Leite Aquino Régio . . . . . 10\$00  
J. Vieira Alves . . . . . 5\$00

A transportar. . . . . 20\$00



# EUROPÊA

## COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO  
SEGUROS MARÍTIMOS  
SEGUROS DE CAUÇÕES  
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS  
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO  
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS  
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS  
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL  
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM  
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES  
Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

# “L’INVIOLEABLE,,

SOLDA-PAPEL

Notas de Banco, folhas de livros,  
manuscritos, partituras, discos  
de gramofone, etc., etc., tudo será  
reparado com L’INVIOLEABLE



Devido à sua absoluta trans-  
parência L’INVIOLEABLE  
deixa os textos tão legíveis  
como antes da sua aplicação.

L’INVIOLEABLE não é uma cola mas sim uma SOLDA

Depositários gerais em Portugal:

REIS & C.ª EM C.ª TA (POR ACCÕES)  
PAPELARIA REIS

150, Rua das Flores, 160 — PORTO

Preço  
9\$50  
CADA TUBO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA